

RESUMO - HELMINTOLOGIA

ESTRUTURA DE COMUNIDADES DE HELMINTOS ASSOCIADAS À PEQUENOS DIDELFÍDEOS DO PANTANAL DO MATO GROSSO DO SUL

Eliseu Baldez Do Nascimento Neto (eliseubaldez@gmail.com)

Nayara Yoshie Sano (sanonayara@gmail.com)

Eduardo José Lopes Torres (eduardo.torres@uerj.br)

O Pantanal, uma das maiores planícies inundáveis do planeta, vem sofrendo pressões antrópicas que impactam na reorganização da fauna, especialmente em pequenos mamíferos e, conseqüentemente, nas comunidades de parasitos associadas. Neste estudo avaliamos a composição e a estrutura das redes das comunidades de helmintos de pequenos marsupiais coletados em duas localidades no Pantanal Sul-mato-grossense: Área conservada (Fazenda Nhumirim); e Área antropizada (Assentamento Tamarineiro 2). Para isso, integramos dados das coletas destes hospedeiros utilizando armadilhas live-trap, com iscas atrativas, no solo e sub-bosque totalizando 800 armadilhas-noite. Foram capturados 49 indivíduos pertencentes a cinco espécies de didelfídeos, *Gracilinanus agilis*, *Marmosops ocellatus*, *Marmosa (Micoureus) budini*, *Thylamys macrurus* e *Monodelphis domestica*, os quais foram anestesiados e eutanasiados conforme protocolos de ética animal aprovados.

Todos os helmintos foram separados em solução salina para posteriormente serem contados, identificados previamente e fixados quimicamente. Foi verificado que 26 marsupiais estavam infectados por 11 espécies de helmintos (10 nematoides e um cestódeo). A área antropizada apresentou maior riqueza (oito espécies) em relação à conservada (sete), com padrão associado a substituição de espécies parasitos, sendo que os monoxenos representaram a maior carga parasitária. Na área conservada, *Didelphoxyuris thylamisis* apresentou prevalência de 4,2%, intensidade média de 108 e abundância média de 4,50 (0 – 13,50), enquanto na área antropizada esses valores foram 28% de prevalência, com intensidade média de 80,29 e abundância média de 22,48 (1,92 – 63,40). *Gracilioxyuris agilis* exibiu prevalência semelhante entre as áreas (16%), com maior intensidade e abundância na área antropizada 117,75 (13,25 – 221) e 18,84 (1,16 – 58,36) em comparação à conservada 33,5 (5,75 – 85,25) e 5,58 (0,71 – 23,67). Helmintos heteroxenos apresentaram baixas abundâncias (0,04 a 0,84), independentemente da localidade. As redes parasito-hospedeiro diferiram entre as áreas: a área conservada apresentou especialização e baixa modularidade ($H2' = 0,71$; $Qw = 0,09$), enquanto a área antropizada apresentou menor especialização e modularidade ($H2' = 0,50$; $Qw = 0,02$). A rede conjunta apresentou baixa especialização ($H2' = 0,17$) e modularidade ($Qw = 0,03$), com conectividade sustentada principalmente pelo hospedeiro *Gracilinanus agilis* e por nematoides monoxenos dominantes. Nossos resultados sugerem que a perturbação ambiental não apenas altera a composição das comunidades parasitárias, mas também pode simplificar sua organização estrutural, favorecendo espécies generalistas e ciclos diretos. Esses padrões reforçam o papel de pequenos marsupiais e suas redes de parasitos como sentinelas ecológicas sensíveis e destacam implicações relevantes para a dinâmica de transmissão sob a perspectiva de Saúde Única.

Palavras-chave: didelphimorphia; nematoda; rede de interações; substituição de espécies; saúde única.